



Um
policial
chamado
Cabo Henrique



Elias Barboza

Um
policial
chamado
Cabo Henrique

Um cenário de morte entre a omissão do poder e covardia de pistoleiros, um homem ignorou a lei para fazer a sua própria justiça

2 ed. – revista e ampliada

Maceió | Alagoas | 2021

© 2021 Elias Barboza

É proibida a reprodução desta obra sem a prévia permissão, por escrito, do autor. Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Editora Q Gráfica

Av. Lourival Melo Mota, s/n
Campus A. C. Simões
Km 97,6 – BR 101 – Tabuleiro do Martins
CEP 57.072-970 – Maceió (AL)
Fones: (82) 99351.2234
qgrafica@yahoo.com.br

Revisão

O autor

Foto da capa:

Jornal de Alagoas do dia 7 de abril de 1979 nº 78 – Diário Associados Assis Chateaubrian

Diagramação

Edmilson Vasconcelos

Supervisão gráfica

Márcio Roberto Vieira de Mélo

Catálogo na fonte
Departamento de Tratamento Técnico da Editora Q-Gráfica

B238p	Barboza, Elias. Um policial chamado Cabo Henrique : um cenário de morte entre a omissão do poder e covardia de pistoleiro, um homem ignorou a lei para fazer a sua própria justiça / Elias Barboza. – 2 ed. – revista e ampliada – Maceió : [Q-Gráfica], 2017. 134 p. : il. Bibliografia: p. 125-132 ISBN 978-85-9238-660-3 1. História. Polícia militar. 3. Alagoas. 4. Cabo Henrique Omena. CDU: 981(813.5)
-------	---

Elaborada por Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717

Printed in Brazil
Impresso no Brasil

*Ao saudoso amigo **tenente Leone Gomes de Lima, in memoriam**, que contribuiu ricamente para a realização desta obra. Tive o privilégio de entrevistá-lo várias vezes sobre os personagens deste livro.*

Conhecedor profundo dos conflitos que vitimaram vidas dos dois lados, acompanhou de perto toda essa história, com a firmeza, a coragem e a dedicação de um bom servidor público militar;

O meu mais profundo agradecimento ao tenente Leone, que foi um policial exemplar e respeitado na corporação.



Agradecimentos

Primeiramente a Deus;

Ao juiz aposentado Diógenes Tenório;

Major PM Thompson Olegário da PMAL, responsável pela revisão inicial;

Ao professor e jornalista Robson Santos, que contribuiu com a revisão geral;

Ao tenente Alberto, presidente da Caixa Beneficente dos Policiais Militares de Alagoas

Mira Dantas, diretora da Biblioteca Pública de Alagoas - Graciliano Ramos, por disponibilizar o acervo dos jornais para minha pesquisa;

Aos jornalistas do Jornal Gazeta de Alagoas, sobretudo, os que fizeram história nos artigos e reportagens sobre o tema que escrevi e, graça a esses profissionais dedicados, foi possível agregar dados e fotos para minha pesquisa teórica.



“Não sou herói, fui marcado pelo desespero, e ninguém pode duvidar de nada; fui sacrificado no último de minha esperança”.

Cabo Henrique.



Sumário

Apresentação	13
Introdução	15
Capítulo I	
O crime da Rua Zeferino Rodrigues	
Assassinato do sargento Adroaldo de Feitas Goulart	17
Capítulo I I	
Cabo Henrique, um homem marcado pelo desespero	
Ernesto Calheiros, assassina pai do cabo Henrique	29
Capítulo I I I	
Prisão e julgamento do Cabo Henrique pela morte de Ernesto	
Henrique absolvido pela segunda vez pela morte de Ernesto	43
Capítulo I V	
Condenação do cabo Henrique e seu irmão Antônio Omena	
Cabo Henrique e Antônio Omena no banco dos réus	61
Júri condena cabo Henrique e seu irmão	62
Morte de Evanildo e fuga do cabo Henrique	68
Tribunal do júri absolveu Valmir Cavalcante Lins	73

Capítulo V

Pistoleiro assassina o jornalista e advogado Tobias Granja

Morte do jornalista e advogado Tobias Granja gera comoção 75

Após 28 dias da morte de Tobias, ten. Cavalcante é assassinado ... 87

Capítulo V I

Mandante e executores da morte de Tobias Granja, presos

Polícia liberou Calheiros, apenas Dagoberto seguiu preso 91

Testemunha desvendou crime de Tobias Granja 94

Ex-advogado do Cabo Henrique também sofreu ameaças
de morte 97

Ernestinho Calheiro; assassinado no Bairro do farol 98

Capítulo V II

Fuga de Napoleão e condenação de Dagoberto e Nezinho

Para familiares de Tobias, um dia que ficou na história 101

Juiz Orlando Manso, manteve sentença de pronuncia dos
acusados 104

Dagoberto e Nezinho condenados pela morte de Tobias Granja ... 106

Revelações de José Edvaldo da Silva “Fanta” sobre morte de juiz .. 111

Reviravolta nos casos; Tobias Granja e juiz Gabriel de Freitas
Soares 115

Reconstituição do crime do juiz Gabriel de Freitas Soares 117

Considerações finais 123

Referências 125

Apresentação

Aos 12 anos, com meu pai ao volante do carro, passando em frente ao Restaurante Adega do Trapiche, na década de 70, observava um aglomerado de pessoas e carros de polícia. Presenciava, naquele momento, sem saber, o início do notório conflito das famílias Omena e Calheiros, conflito esse que envolveu grandes personalidades da sociedade alagoana exercendo as suas funções de Juizes de Direito, Jornalistas, Advogados, Promotores de Justiça, Militares, Empresários, entre outras. Aquela cena ficou em minha memória até os dias atuais. Mas, graças ao livro “Por Amor ao Nosso Pai”, escrito pelo próprio cabo Henrique da Polícia Militar de Alagoas, enquanto se encontrava preso no Quartel Geral da Polícia Militar de Alagoas, pude amenizar a curiosidade que já se arrastava por muitos anos. Esse livro chegou às minhas mãos através de um amigo. Foi um alívio! Hoje, tenho uma nova oportunidade de melhor esclarecer aqueles acontecimentos. Vou sair da visão pessoal dos fatos narrados pelo Cabo Henrique, em seu livro, para uma visão mais ampla: a visão do jornalismo impresso da época, juntamente com recentes entrevistas realizadas com algumas personagens do livro. Meu amigo, Elias da Silva Barboza, Militar, Jornalista e Músico, em seu segundo livro, fez esta profunda pesquisa jornalística e, de forma direta, nos presenteia com essa obra esclarecedora de parte da nossa história. É ler pra saber!

Tenente – coronel R/R Thompson Olegário



Introdução

Este segundo livro que vos apresento, narra a história de duas famílias que foram sucumbidas pela mesma dor, em um cenário de mortes e prisões. Os anos 70 e 80, em Alagoas, foram marcados pelo poder da bala e do silêncio. Muitas armas nas mãos de mafiosos e cangaceiros fizeram de Maceió a capital mais sangrenta do nordeste, durante duas décadas. Os jornais, todos os dias, destacavam, nas manchetes principais, as fotos de envolvidos em vários assassinatos. Ademais, alguns dos crimes tiveram a participação de policiais, fazendeiros (*coronéis do sertão*) e políticos que contratavam pistoleiros fardados e civis: uma teia de crimes e criminosos.

Outrossim, alguns pistoleiros e policiais, fora da lei, raramente eram presos e, quando eram presos, tinham a máquina da intimidação para calar testemunhas e ocultar provas. A justiça bem que tentava, mas a cúpula da segurança pública ignorava ordem judicial e os bandidos não eram localizados. Inquéritos policiais, sem solução, amontoavam-se nas gavetas dos delegados. Era essa estrutura doente do poder da segurança, que cooperou ainda que, indiretamente, para tantos crimes hediondos no Estado de Alagoas, no final dos anos de 70.

Através de *habeas corpus*, marginais conseguiam liminares e, ao deixarem a cadeia, saíam com sorrisos irônicos, cientes da impunidade. Jurados, juízes e advogados encontravam dificuldades de desempenhar suas atividades, pois a pressão psicológica, a intimidação no olhar, desmontavam até argumentos confiáveis. A